



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Ciências Humanas – IH

Departamento de História – HIS

Ilustrando a homossexualidade: uma análise iconológica do Lamião da Esquina durante a ditadura militar (1978-1981)

André Fabro Neri

Brasília

2021

ANDRÉ FABRO NERI

Ilustrando a homossexualidade: uma análise iconológica do Lampião da Esquina durante a ditadura militar (1978-1981)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado/bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Mateus Gamba Torres

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, Carla e Rogério, pelo apoio que me deram durante toda a minha vida. Agradeço a meus irmãos, Victor, Bruna e Beatriz, por fazerem com que, nos momentos de maior pressão, tudo ficasse mais leve.

Agradeço a meu orientador, Mateus Gamba, pela dedicação e prestatividade que teve durante todo o desenvolvimento deste trabalho, e, sobretudo, pela confiança que teve na minha pesquisa, até mesmo quando eu me sentia inseguro.

Agradeço a minhas amigas Júlia, Natália e Isabel, que estão comigo há mais de uma década e sempre acreditaram em mim. Aos meus amigos Vitor, Viki e Fernanda que em todos os nossos anos de amizade sempre estiveram dispostos a me ouvir e me ajudar. A minha prima Bianca, com quem divido diversas jornadas, às quais a graduação se junta. Agradeço especialmente à minha amiga Enize, que passou por todo o processo de escrita deste trabalho comigo, e que foi meu grande apoio neste semestre.

Agradeço à Universidade de Brasília, pois junto com grandes ensinamentos e aprendizado, me proporcionou oportunidades incríveis e encontros com pessoas maravilhosas que me engrandeceram em todos os aspectos. Por último agradeço aos professores da banca, que se disponibilizaram a ler e comentar o meu trabalho

André Fabro Neri

RESUMO

Em 1978, no Brasil, surge o jornal *Lampião da Esquina*, encabeçando o então emergente movimento gay brasileiro. Em meio à Ditadura Militar, o *Lampião* abordou, em seus três anos de existência, diversos temas considerados progressistas, como feminismo, o movimento negro, e, predominantemente, o movimento gay. Neste trabalho pretende-se entender as formas de luta e de resistência presentes no *Lampião* por meio de análises iconológicas de fotografias e ilustrações publicadas no jornal.

Palavras-chave: *Lampião da Esquina*, análise iconológica, movimento gay

SUMÁRIO

Introdução	6
Capítulo 1 – Saindo do Gueto	10
1.1 – Que história é essa de vestir os nus?	12
Capítulo 2 – Pega pra capar!	17
Capítulo 3 – Enfim: o nu frontal!	21
Considerações Finais	27
Referências Bibliográficas	32

Introdução

Em 1978, surge no Brasil o jornal chamado *Lampião da Esquina*, creditado até hoje como sendo uma das primeiras publicações voltadas para o público homossexual no Brasil. O diferencial d'O *Lampião* era seu caráter político. Enquanto publicações como o *Snob*, que teve seu fim em 1969, traziam colunas de fofocas, concursos literários e ilustrações, surgindo com um caráter caseiro (GREEN, 1999, p. 308), o *Lampião* surge já com um objetivo claramente político:

(...) dizer não ao gueto, e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição (...) (Saindo do GUETO. *Lampião da Esquina*, abril de 1978)

Por isso, o *Lampião* trazia em suas edições, além dos itens já mencionados, denúncias de violência e perseguição contra membros da comunidade homossexual, análises sobre a violência sofrida por homossexuais em países como Argentina, Chile e México, a luta pelos direitos nos EUA e na Inglaterra, divulgava e comentava atos políticos, congressos, reuniões e protestos, abordando temas como feminismo, o Movimento Negro Unificado, ambientalismo, preconceito contra indígenas, e, obviamente, o movimento homossexual. O *Lampião* era politizado, e todo o seu conteúdo passava por essa lente política e homossexual. Até mesmo a linguagem utilizada na sua redação, que fugia do padrão jornalístico, usando termos “desmunhecados” dos guetos homossexuais. (TREVISAN, 2002, p. 339)

O *Lampião* rapidamente se popularizou, e chegou a fazer tiragens mensais de 20 mil exemplares, que eram vendidos em bancas de jornal por todo o país (FUJIKAWA, GOUVEIA, ROSA, SACHT, 2018, p. 118). Por conta dessa visibilidade e do alcance que o *Lampião* tinha, grupos como o *Grupo Ação Lésbico Feminista (GALF)*, o grupo *Eros*, e principalmente o coletivo *Somos*, passaram a fazer denúncias e divulgar suas atividades através do *Lampião*. (MCRAE, 2018, p. 49)

Com isso, o *Lampião*, que já surge com um objetivo e uma visão politizada, acabou se tornando muito mais do que um simples jornal. Mesmo que nunca tenha assumido ativamente para si o papel de liderança do movimento, o *Lampião* o cumpria, encabeçando a luta pelos direitos dos homossexuais. (MCRAE, 2018, p. 49)

O Lampião pode ser dividido em três fases: uma primeira, na qual se desmistifica a homossexualidade, seguida de uma fase ativista, que faz denúncias de violência e convoca a comunidade *queer* a se rebelar contra essa violência, e por fim uma fase jornalística e inovadora com matérias sobre temas polêmicos, como a prostituição masculina. (HEEREN, 2011, p. 18-19)

Mesmo que tenham existido eventos que marcaram essas diferentes fases, como o fim do processo judicial que o Lampião sofreu por atentado à moral e aos bons costumes (HEEREN, 2011, p. 19), e o início dos processos de abertura política no Brasil, a transição entre essas fases não se deu de maneira brusca, mas sim gradual. Em todas as suas fases existem matérias que buscam desmistificar a homossexualidade, ou denunciar ataques homofóbicos, e contavam com manchetes e reportagens polêmicas (motivo pelo qual o jornal foi processado em seu primeiro ano de existência). (HEEREN, 2011, p. 18-19)

Heeren aponta que o Lampião é criticado por Bernardo Kucinski por ser elegante no seu início, mas pornográfico no final. Heeren nega isso, citando as entrevistas com Manuel Puig e Jean-Paul Sartre, e justificando os nus frontais masculinos como fazendo parte de uma estética *camp* escolhida pelo lampião, e de um discurso contra o falso moralismo e hipocrisia da classe média brasileira. (HEEREN, 2011, p. 19)

No entanto, os nus frontais presentes no Lampião não precisam ser justificados; sim, eles fazem parte do discurso político do Lampião, e se encaixam dentro da estética escolhida pelo jornal, mas os nus presentes nas edições finais do Lampião, apesar de serem explícitos, não perdem seu valor artístico, nem tiram o mérito do jornal quando comparados com as fotografias presentes nas edições iniciais, que traziam um certo nível de censura.

Vemos em Medeiros que a ideia de se separar o erótico do pornográfico vem de um discurso antiquado e hipócrita do mundo da arte onde “se é arte, não é pornografia, e se é pornografia, não é arte”. (MEDEIROS, 2020)

Mas, quando analisamos a história da arte através de uma perspectiva que leva em conta uma iconografia, que por muito tempo foi resguardada em reservas técnicas de museus e coleções particulares, vemos que essa divisão entre erótico e pornográfico não se sustenta. Aliás, quando levamos em consideração os *porn studies*, vemos que a relação entre a pornografia e as artes é constante, e muito mais próxima do que pensamos. (MEDEIROS, 2020, p. 26-28)

Medeiros aponta que a identidade por ele chamada de gay, mas que engloba muitas outras sexualidades e gêneros, tem uma constante instabilidade, chegando até mesmo a colocar esta instabilidade como ontologia da condição lgbt. A necessidade de se inventar e se reinventar, que é natural de si, diante uma sociedade heteronormativa descrita por Medeiros se manifestaria através da arte. Trazendo ainda pensamentos de Eribon, vemos que “Um gay não acaba nunca com a necessidade de escolher a si mesmo diante da sociedade e do estigma.” e também que a chamada “autenticidade” de Sartre é um processo jamais acabado de construção e invenção de si. (MEDEIROS, 2020, p. 31)

É dessa forma, através da arte, que vemos as histórias de pessoas *queers*, suas identidades sendo construídas e reconstruídas, inventadas e reinventadas. Quando vemos obras feitas por artistas *queers*, não estamos vendo apenas uma obra, vemos também o artista, e toda sua história. Rechená e Teixeira nos dizem que é por meio das artes que vemos vivências e identidades se expondo, e junto consigo, uma miríade de experiências no campo do desejo, que por muito tempo foram escondidas e proibidas. (RECHENA, TEIXEIRA, FURTADO, LISBOA, 2019, p.10)

Medeiros diz, também, que é complicado caracterizar uma estética específica como estética *queer*, alegando que existem diversas obras de temática homossexual que foram produzidas por artistas que, até onde temos conhecimento, não se identificavam dessa forma. E que seria necessário fazer um trabalho historiográfico gigante de inventariar artistas *queers*, o que, além de tudo, seria polêmico, uma vez que nem sempre esses artistas teriam a liberdade para assumirem suas verdadeiras sexualidades e gêneros. (MEDEIROS, 2020, p.31)

No entanto, Medeiros traz outras reflexões, dizendo que a singularidade estética que parte da denotação do erotismo entre pessoas do mesmo sexo só adquire um significado e uma importância sociocultural a partir de um contraste entre formas de comunicação e expressão homo e hetero. (MEDEIROS, 2020, p.28)

A estética *queer* não é uma estética que é definida pelos seus traços, por seus artistas, ou pelos temas representados nas obras que a compõem, mas sim uma estética que é definida pelo contexto em que se encontra.

O *Snob*, publicação anterior ao *Lampião*, começa a criar uma mentalidade e identidade homossexual fluminense, em um momento no qual os homossexuais do Rio de Janeiro passam a se identificar como partes de uma comunidade. Vemos esta identidade se manifestar quando

a comunidade homossexual envia cartas de reclamação à revista Realidade, que havia feito uma reportagem reproduzindo diversos estereótipos sobre os homossexuais em 1968. (GREEN, POLITO, 2006, p. 156-159)

No entanto, o Lampião, com sua circulação maior, começa a disseminar essa mentalidade, o reconhecimento dessa identidade, e a auto-identificação através de suas reportagens, entrevistas, até mesmo através dos anúncios e propagandas que preenchiam suas páginas, e o fazia em escala nacional.

Convocando a comunidade a se rebelar, desmistificando o que se imaginava a respeito da homossexualidade, trazendo debates sobre diversos temas - passando por racismo, homofobia, prostituição, ambientalismo, etc. - e fazendo inúmeras denúncias contra a violência e a hipocrisia, e com seu caráter político, o Lampião não apenas criou e disseminou uma identidade *queer* (guei) brasileira, mas a fez uma voz ativa, que lutava diretamente com o status quo, que a marginalizava e inviabilizava.

Como aponta Erwin Panofsky em seu livro “Significado nas artes visuais”, a arte pode ser interpretada “como um sintoma de algo mais”, em relação ao contexto e ao artista que a criou, e, portanto, cabem análises mais profundas que a iconografia, análises que buscam investigar os contextos nos quais as obras de arte são produzidas, a partir das mesmas.

Essas análises, passam a ser, então, interpretações do que Panofsky chama de conteúdo, indo além das formas presentes e dos significados previamente estabelecidos. Não se procura entender as obras de arte como suas formas puras ou como os símbolos e alegorias preestabelecidos nelas presentes, mas como indicadores da sociedade na qual foram criadas.

Neste trabalho, se investigará o surgimento do movimento LGBT brasileiro entre os anos de 1978 e 1981, através de interpretações iconológicas de imagens presentes no Lampião da Esquina, levando em consideração as divisões propostas por Heeren.

Partindo da desmistificação da homossexualidade proposta pelos editores do jornal, e da consequente identidade homossexual brasileira resultante desse processo, investigaremos como o surgimento dessa identidade resultou em um movimento político-social, que participa em diversas esferas da sociedade até a atualidade.

Em cada um dos capítulos buscaremos, através da interpretação iconológica, estabelecida por Panofsky, de imagens selecionadas, representantes de cada uma das fases estabelecidas d'O Lampião, e as matérias respectivamente relacionadas a elas, entender o que é a chamada "identidade homossexual brasileira" e como ela se cria e estabelece.

No primeiro capítulo procura-se contextualizar o Lampião e seu surgimento e analisar a primeira fase, desmistificadora; no segundo capítulo nosso objeto será a segunda fase, ativista; e, por último, no terceiro capítulo, voltamos nossos olhos para a terceira fase d'O Lampião, que apresenta um caráter mais experimental se comparada às fases anteriores.

Capítulo 1 - Saindo do Gueto

Em 1978 surge o Lampião da Esquina, que buscava, através de denúncias, tirar a identidade homossexual do gueto. E com a abertura política surgem, também, diversos movimentos sociais, como o Movimento Negro Unificado e o movimento feminista, que, devido às ideias retrógradas da esquerda clássica, se relacionavam com o então emergente movimento homossexual. (OCANHA, 2018)

O movimento homossexual era composto de diversos grupos que se organizavam de maneiras diferentes, como o grupo *Somos*, o grupo *Eros* e o *Grupo Gay da Bahia*¹. E, mesmo que o Lampião não tivesse tomado para si o papel de liderança do movimento, vários desses grupos o utilizavam como guia, uma vez que era o principal divulgador de suas atividades no país. (MCRAE, 2018)

Diferentemente dos Estados Unidos, no Brasil não havia um elemento legal a ser combatido, pois a homossexualidade nunca foi proibida pela lei.² No entanto, a ideia de que as sexualidades dissidentes eram patologias mentais era muito difundida pela grande mídia, e estava presente de forma muito profunda na sociedade. E, quando se tratava do Estado, esta era vista como subversiva e um ataque à moral e aos bons costumes, e devia ser combatida. (QUINALHA; MCRAE; OCANHA, 2018)

¹ O grupo *Somos* foi fundado em 1978, inspirado pelo Lampião da Esquina, e é considerado o primeiro grupo brasileiro em defesa dos direitos LGBT. O grupo *Eros* surge, posteriormente, em um debate da USP em 1979. O Grupo Gay da Bahia foi o último a ser fundado, em 1980, e é o único que continua em atividade.

² A homossexualidade não era proibida pela lei, mas eram utilizadas estratégias baseadas na lei que afetavam a comunidade homossexual, como foi o caso da vadiagem e das criminalizações da pederastia e de práticas de atos libidinosos

As críticas e denúncias que o Lampião fazia não eram exclusivamente direcionadas à ditaduras de extrema direita que se instalou no Brasil, pelo contrário, eram comuns os ataques aos governos de esquerda, como Cuba e a Rússia, e até mesmo aos movimentos de esquerda brasileiros. (MORETTI-PIRES; TESSER JÚNIOR; KOVALESKI, 2018)

Era comum, entre os revolucionários esquerdistas, o pensamento, como aponta Trevisan (2002, p. 338), que as pautas dos homossexuais, entre outras, eram temas menores e específicos, que seriam trabalhados após a revolução socialista, e que os homossexuais seriam incapazes de se agregar à “luta maior”, à luta de classes.

Moretti-Pires, Tesser Júnior e Kovaleski (2018) trazem citações de Borillo (2010), apontando que havia, sim, uma abordagem política a respeito da homossexualidade dentre os pensadores socialistas e marxistas do século XIX, mas, relacionando-a com a decadência da burguesia.

Tal concepção e abordagem a respeito da homossexualidade reforçava a ideia de que não existam homossexuais na classe operária, e que estes também não existiriam uma vez que fosse implantado o socialismo. (BORILLO, 2010)

Como aponta Green (2015), citado por Moretti-Pires, Tesser Júnior e Kovaleski (2018), a homossexualidade, bem como qualquer outra temática que ousasse questionar o conceito de “família-tradição-propriedade” era alvo da violenta repressão da ditadura militar brasileira, alimentado a ideia de que a homossexualidade era uma estratégia comunista.

Essa ideia não era restrita ao Brasil, como vemos em Trevisan (1978), em matéria referente à homofobia no Chile: “(...) Logo que voltaram a circular os jornais puseram-se a acusar os marxistas, homossexuais e delinquentes de elementos perniciosos à sociedade”. Como aponta o Lampião (1978), em matéria sobre a Argentina: “O marxismo utilizou e utiliza a homossexualidade como um instrumento para sua penetração (...). Mas todo mundo sabe que nos países comunistas os maricas são (...) vistos exatamente como são: um grande mal”.

Sofrendo ataques dos dois extremos, não é de se espantar que os membros da comunidade LGBT não se sentissem protegidos por nenhum lado. Eles não lutavam com nenhum partido, de nenhum lado, e nenhum partido lutava por eles, ao menos não publicamente.

A perseguição aos homossexuais e aos transexuais no Brasil se baseava em dois argumentos: primeiro, de que a homossexualidade e a transexualidade (ou quaisquer

sexualidades e gêneros dissidentes) indicavam uma doença mental dos indivíduos; e segundo, de que a homossexualidade e a transexualidade seriam ataques diretos à moral e aos bons costumes da sociedade brasileira. (QUINALHA; MCRAE; OCANHA, 2018)

1.1 - Que história é essa de vestir os nus?

Partindo das divisões de fases d'O Lâmpião, observemos como cada uma delas se manifesta através das diversas imagens que ilustravam as páginas do jornal. Primeiramente, a chamada fase desmistificadora, que pretendia, nas palavras do conselho editorial do Lâmpião, "dizer não ao gueto, e, em consequência, sair dele".

As edições de 1 a 18 que contemplam essa primeira fase estão repletas de reportagens que, em grande parte de forma direta, acatam esse objetivo. Uma das edições que mais chama a atenção nesse sentido é a décima, que traz em sua capa como uma das manchetes principais "minorias exigem em são paulo: FELICIDADE DEVE SER AMPLA E IRRESTRITA", fazendo referência ao movimento que lutava pela anistia, e na reportagem correspondente (a mais longa da edição, ocupando três das 16 páginas), relata uma "semana de minorias" organizada pela USP em 1979.

Apesar da reportagem trazer manifestações de diversas minorias sociais presentes no evento, o que chama a atenção para o movimento gay está logo na página 9, a primeira da reportagem. Como relata Eduardo Dantas (1979) em uma reunião na USP onde se discutiam as minorias, um jovem gay se manifesta e diz:

"Eu vou dizer agora o que metade desse auditório está sequiosa para ouvir. Vocês querem saber se o movimento guei é de esquerda, de direita ou de centro, não é? Pois fiquem sabendo que os homossexuais estão consciente de que para a direita constituem um atentado à moral e à estabilidade da família, base da sociedade. Para os esquerdistas, somos o resultado da decadência burguesa. Na verdade, o objetivo do movimento guei é a busca da felicidade e por isso é claro que nós vamos lutar pelas liberdades democráticas. Mas isso sem um engajamento específico, um alinhamento automático com grupos da chamada vanguarda. "

(FELICIDADE também deve ser ampla e irrestrita. Lâmpião da Esquina, março de 1979)

Uma manifestação individual em um evento universitário poderia ser apenas isso, uma manifestação individual, mas o fato de que essa manifestação gerou um debate a respeito de qual seria o objetivo em comum de todas as minorias presentes, e, além disso, o fato de que o

Lampião escolhe deliberadamente incluir essa manifestação em suas páginas, e transformá-la em manchete, nos mostra que esse sentimento, essa sede por algo tão simples quanto a felicidade, que deveria ser direito de todos os cidadãos, não era garantido à comunidade homossexual.

Quando observamos especificamente as imagens que ilustravam as páginas do Lampião nessas edições essa mensagem, essa desmistificação da homossexualidade, fica ainda mais perceptível. Como exemplo, podemos observar não apenas uma imagem, mas dois conjuntos de imagens publicados em edições consecutivas, e relacionados entre si.

Primeiramente, na edição de número 7, de dezembro de 1978, o Lampião traz em sua capa, a manchete “as fotos do verão carioca” acompanhada de três fotos de homens em trajes de banho. Já na quinta página da edição, mais fotos do mesmo estilo estampam, quase que em totalidade, a folha do jornal, com um pequeno espaço reservado a dois pequenos parágrafos, onde o autor da reportagem justifica a importância da presença daquelas imagens, uma vez que a revista Manchete trazia, a cada verão, reportagens similares, mas apenas com fotografias de mulheres em trajes de banho, além de sugerir que a mesma passe a utilizar também imagens similares às que o Lampião utilizou, mas coloridas. (LAMPIÃO DA ESQUINA, Nº 7, 1978)

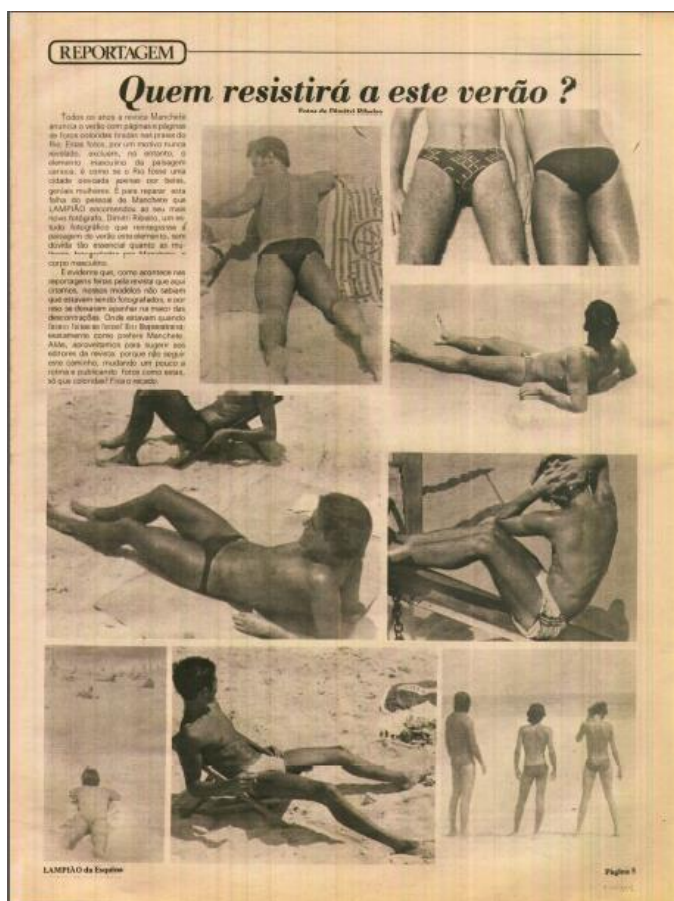


Figura 1 - página 5 da edição nº 7 do Lampião, dezembro de 1978.

Nessa reportagem já conseguimos perceber, facilmente, essa missão desmistificadora do Lampião, que iguala, diretamente, o corpo masculino ao feminino, e reconhece a eroticidade do mesmo. Assim, o Lampião apresenta o corpo masculino como objeto de desejo, capaz de despertar interesse sexual, ou, no mínimo, algo a ser admirado. Como consequência, essa reportagem naturaliza a atração pelo corpo masculino.

No entanto, o que mais chama a atenção nessa reportagem, não é a reportagem em si, muito menos as imagens presentes. O que, de fato, chama a atenção, é a repercussão desta reportagem. Na oitava edição, de janeiro de 1979, vemos uma pequena manchete na capa: “a arte de despir os nus”. (LAMPIÃO DA ESQUINA, Nº 8, 1979)

Vale lembrar que, na sétima edição, todos os homens fotografados vestiam trajes de banho, em nenhum momento foram reproduzidas fotos de homens nus. No entanto, a mera representação do corpo masculino como algo a ser desejado, e como objeto que desperta desejos carnis já era suficiente para causar alvoroço.

Ao primeiro olhar, a manchete não aparenta ser uma referência à reportagem “Quem resistirá a esse verão?”, da sétima edição. Mas, na página de número nove, o conselho editorial, sem uma assinatura específica, separa um quadro contando com cinco imagens de esculturas, em diferentes museus europeus, de homens nus, acompanhadas de um pequeno texto.

Sob o título “Que história é essa de vestir os nus?”, o Lampião nos informa que a reportagem da edição anterior despertou muita controvérsia, e que o jornal recebeu diversos comentários acusatórios, em especial sobre a sexualização do homem. E, então, vemos um curto parágrafo, que busca desmistificar dessa vez, não a homossexualidade, mas o corpo masculino em si.

Auxiliado pelas imagens presentes, o texto nos diz que “no Museu do Vaticano as estátuas de homens nus não foram hipocritamente veladas com folhas de parreira ou véus”. Apresentando o nu masculino, dessa vez não como objeto de desejo sexual, mas como arte, como um mero “prazer estético”, o Lampião desconstrói, mais uma vez, um discurso construído pela sociedade patriarcal, que permeia a homossexualidade e o nu masculino.



Figura 2 - Reportagem “Que história é essa de vestir os nus?” presente na oitava edição do Lampião, janeiro de 1979

Portanto, podemos perceber que estes dois conjuntos de imagens, de fotografias e esculturas de homens com poucas - ou nenhuma - vestes, bem como a repercussão às

fotografias publicadas na sétima edição, indicam características da sociedade brasileira de 1978.

Ambas as reportagens deixam explícito a hipocrisia e o falso pudor que a sociedade apresentava quando se tratava de sexualidade, principalmente quando essa sexualidade era voltada ao masculino.

O fato de que era uma tradição para a segunda maior revista em circulação no país fazer reportagens sobre o verão carioca exaltando e objetificando o corpo feminino, mas que há uma reação adversa a uma reportagem com o mesmo teor, mas voltada ao corpo masculino, nos mostra que o problema não é a sexualidade, mas sim as pessoas sobre as quais a sexualidade se manifesta.

Já a presença dos nus masculinos europeus na oitava edição nos aponta uma outra hipocrisia, uma hipocrisia que se relaciona com a origem dos produtos consumidos. Dessa vez o *Lampião* não critica, necessariamente, as interações entre o público brasileiro e a sexualização do corpo masculino. A crítica aqui, parte da valorização e exaltação de obras de arte europeias, e a simultânea aversão a um produto de similar estética e tema, mas que tenha origem brasileira.

É importante, também, notarmos que, apesar de o grande foco do *Lampião* ser a homossexualidade masculina, o conselho editorial ainda lançava matérias a respeito do universo feminino, e das diferentes formas de existir e de se expressar que existem neste universo.

Na edição de número 12, publicada em maio de 1979, que comemorava o primeiro ano de existência do *Lampião*, foi lançada, em conjunto com ativistas lésbicas do grupo *Somos*, uma longa sequência de reportagens a respeito da homossexualidade feminina. (LAMPIÃO DA ESQUINA, Nº 12, 1979)

Utilizando vários relatos pessoais e sob manchetes como “Nós TAMBÉM estamos aqui” e “Só queremos ser entendidas”, essas reportagens buscam dar visibilidade às lésbicas e ao seu papel dentro do movimento homossexual no Brasil, e abrir espaços para discussões anteriormente escassas.

Dentre as imagens publicadas em conjunto com essas reportagens, uma em especial chama a atenção. Uma releitura da *Pietà*, assinada por um artista que adota o nome Hélio, na qual Maria não mais segura o corpo de seu filho, Jesus Cristo, morto, mas agora segura o corpo de uma mulher.



Figura 3 - Ilustração de Hélio, presente na edição nº 12 do Lampião, maio de 1979

Como vemos em Sturgis e Clayson, através de Mendes e Barcelos, dentro do contexto católico, a imagem da Pietà é utilizada como forma de inspirar meditação a respeito do sacrifício de Jesus Cristo e da dor que Maria sofreu com a morte de seu filho, buscando causar uma reação emotiva e um sentimento de culpa nos fiéis, uma vez que Jesus morreu para perdoar seus pecados.

Ao substituir a imagem de Jesus Cristo pela imagem de uma mulher, o autor da obra busca causar nos leitores do Lampião uma reação similar, fazendo-os pensar sobre o papel da mulher não apenas no movimento homossexual, mas em todos os outros movimentos sociais nos quais elas se inseriam, e em todo o seu sacrifício nas lutas pela liberdade e pela democracia.

Capítulo 2 - Pega pra capar!

A segunda fase do Lampião apontada por Heeren tem seu início na décima nona edição do jornal e apresenta caráter extremamente ativista, fazendo denúncias constantes contra a violência sofrida por todos os grupos minoritários, em especial os homossexuais e as travestis - àquela época ainda referidas no masculino.

Dentro de todas as edições que compõem essa fase, a que mais chama a atenção pelo seu ativismo é a edição de número 26, lançada em julho de 1980. Especificamente em suas primeira e última folhas vemos imagens que retratam de forma extremamente explícita a nova direção que o Lampião tomava.

Na primeira folha vemos uma grande manchete: “A Igreja e o homossexualismo (20 anos de repressão)”, e abaixo da manchete, uma ilustração de um homem crucificado, rodeado de pessoas vestindo chapéus papais. Na cruz, uma placa traz a palavra “homossexual”.

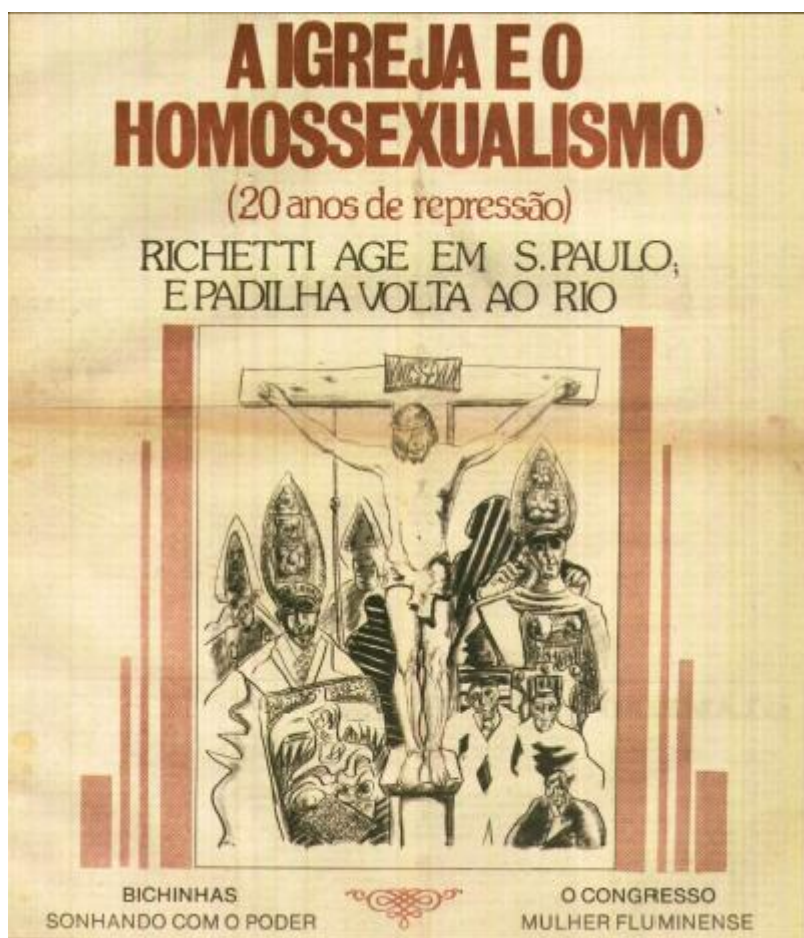


Figura 4 - Ilustração da primeira folha da edição nº26 do Lampião, julho de 1980

Nesta edição, o Lampião dedica quatro páginas a reportagens tratando das relações entre a Igreja e pessoas homossexuais, traduzindo um dossiê publicado na revista canadense *La Berdache*, que trazia também relatos de grupos gays cristãos. O fato de o dossiê ter sido produzido por uma revista canadense e ainda ser aplicável à realidade brasileira mostra o quanto essa demonização da homossexualidade pela Igreja se fazia presente em escala global.

Ao utilizar a imagem de um homem crucificado, o Lampião evoca as representações de Jesus Cristo, personagem bíblico tomado como salvador por diversos grupos religiosos. Mas, ao adicionar, na placa que tradicionalmente leria “Inri”, a palavra “homossexual”, o Lampião denuncia a hipocrisia da Igreja, traçando um paralelo entre o sofrimento e opressão sofrido

pelos homossexuais, sofrimento e opressão estes que partem da Igreja, e o sofrimento que o mártir adorado pela própria Igreja sofreu.

Além disso, ao retratar as personagens que, tradicionalmente, representam os algozes de Jesus Cristo como membros do alto clero, as lideranças dos mesmos grupos que tomam Jesus como salvador, o *Lampião* denuncia, não apenas as questões morais que a Igreja utilizava para oprimir essas identidades, mas também a violência com a qual essa opressão era feita, e, sobretudo, a hipocrisia da moral religiosa.

Mesmo não sendo uma crítica ao sistema político brasileiro da época, a reprodução deste dossiê foi uma denúncia contra a perseguição e opressão que os homossexuais sofriam pela Igreja, por pelo menos dois séculos como o dossiê apresenta, em escala global, mostrando, assim, o caráter mais ativista que o jornal assumira.

Como a perseguição aos homossexuais no Brasil se deu por motivos morais, pelo menos desde meados do século XIX (GREEN; POLITO, 2004) (mas que pode ser traçado até 1613, com o caso do Índio Tibira) (BARBOSA, 2017), não é surpreendente que a Igreja, a grande defensora da moral, condenasse a homossexualidade. E, como vemos na manchete, essa repressão religiosa acontecia há pelo menos duas décadas, já na reportagem de fato vemos que na verdade são dois séculos de repressão.

No entanto, como vemos em QUINALHA, 2017, a política sexual estabelecida pelos comandantes do governo brasileiro nesse período agravou a perseguição e opressão sofrida por esse - e por tantos outros - grupos. A existência de uma estratégia de governo que prezava pela manutenção da mesma “moral” e defendia a família, justificava e incentivava essa perseguição.

O *Lampião* também fazia ataques diretos ao regime militar e a suas políticas, não apenas em referência à homossexualidade, mas a qualquer medida que afetasse os grupos minoritários. Na edição de número 21, de fevereiro de 1980, o jornal traz uma longa matéria a respeito das prisões preventivas e da violência policial, um dos temas mais expostos pelo conselho editorial nessa fase, dando foco especial às prostitutas e ao MNU (Movimento Negro Unificado), que eram dois dos grupos mais acusados de vadiagem. (LAMPIÃO DA ESQUINA, Nº 21, 1980)

De volta à edição 26, além do dossiê a respeito da relação entre Igreja e homossexuais, vemos também diversas outras matérias escritas com tom denunciatório e de revolta, sobre diversos temas. O que nos chama a atenção agora, é a última página da edição.

Com fotografias de travestis sendo presas (no momento em que a edição foi escrita ainda era comum que as travestis fossem tratadas com pronomes masculinos), o jornal faz uma denúncia específica sobre a violência policial, que mesmo sendo exacerbada de forma geral, era especialmente cruel com esses grupos.



Figura 5 - última folha da edição de nº 26 do Lampião, julho de 1980

Sob a manchete “Pega pra capturar!”, o jornal exibe as fotografias previamente mencionadas, e refere à perseguição policial sofrida pelas travestis como uma “caça” e um “esporte a que a polícia paulista vem se entregando como todo o empenho de que dispõe”. (LAMPÃO DA ESQUINA, Nº 26, 1980)

O Lampião já havia feito uma manchete referente a essa matéria em sua capa, mas a escolha de reforçar essa matéria na última página, deixando exposta, tanto em texto quanto em imagem, a forma violenta como a polícia paulista agia com o aval do governo, caracteriza fortemente o ativismo do conselho editorial neste período.

As medidas utilizadas para combater a homossexualidade eram as mesmas utilizadas para combater a prostituição, e isso afetava, principalmente as travestis. Pessoas estas que, quando não eram perseguidas e atacadas por se prostituírem, eram presas sob alegações de vadiagem, e, posteriormente, sob alegação de estratégia para combater a Aids. (OCANHA, 2018)

Essa perseguição não era restrita aos homossexuais homens e às travestis, atingia também outros grupos, como era o caso das lésbicas, visto na edição de número 31:

“O delegado Wilson Richetti e os famigerados homens da sua ‘operação rondão’, que andavam de quarentena em São Paulo, encontraram um meio de comemorar a proclamação da República: dia 15 de novembro, saíram às ruas da capital paulista em busca de homossexuais. Só que, dessa vez, não eram as bichas os alvos procurados, mas sim, as mulheres: os policiais invadiram os bares Cachação, Ferro’s e Bexiguinha, e as mulheres que lá estavam, incluindo as que possuíam carteira profissional assinada, foram todas detidas, debaixo do seguinte argumento: ‘É tudo sapatão’”

(RICHETTI volta às ruas. Lampião da Esquina, dezembro de 1980)

Mesmo que, originalmente, o Lampião não abordasse prioritariamente as questões femininas e lésbicas em suas reportagens, com o tempo o conselho editorial passou a levar em consideração esta parte da comunidade. Como vemos na passagem acima, as mulheres lésbicas eram alvos específicos das operações policiais, assim como homens gays, travestis e prostitutas.

Capítulo 3 - Enfim: o nu frontal!

A terceira fase do Lampião começa na edição de número 30, e apresenta um teor mais experimental e inovador. Marcada por matérias a respeito de temas pouco abordados, como a prostituição masculina, e por entrevistas inéditas com personalidades como Manuel Puig e Guy Hocquenghem, além de reproduções de entrevistas, como a de Jean-Paul Sartre concedida à *Gai Pied*, revista francesa, essa fase do Lampião foi extremamente polêmica, e promove discordâncias ainda hoje.

Uma das maiores críticas a essa fase é feita trazendo à tona a presença de nus masculinos sem censura, previamente inexistentes no jornal. Autores como Bernardo Kucinski alegam que o Lampião começou elegante e terminou pornográfico (KUCINSKI, 1991). De um outro ponto de vista, autores como José Augusto de Castro Heeren buscam justificar a presença dos nus nas últimas edições do Lampião, trazendo a presença, por exemplo, das entrevistas, como prova de que o jornal continuava com o projeto político que fora estabelecido nas

primeiras edições, além de dizer que os nus representavam uma estética *camp* escolhida pelos editores do jornal.

Não precisamos nem estabelecer uma estética utilizada pelo *Lampião*, nem trazer exemplos de matérias e entrevistas publicadas para justificar a presença destas imagens, ou para provar que o *Lampião* ainda seguia seu objetivo inicial. Na verdade, não precisamos justificar a presença destas imagens, a própria presença das imagens já se justifica e já mostra, de forma direta, que o *Lampião* ainda seguia seu projeto inicial. Basta olharmos para as imagens:

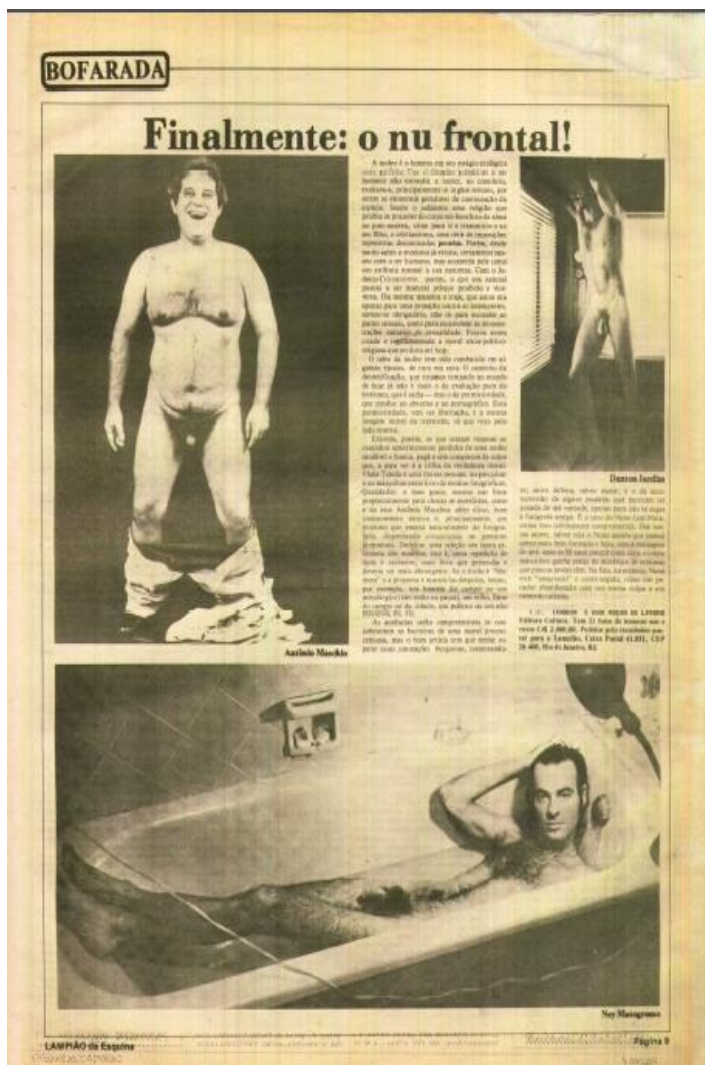


Figura 6 - Reportagem “Finalmente: o nu frontal!” presente na edição nº 27 do *Lampião*, agosto de 1980



Figura 7 - Reportagem “A batalha do corpo, ou cenas de nu explícito” presente na edição nº 36 do Lampião, maio de 1981

Na edição de número 27, publicada em agosto de 1980, o Lampião publica sua primeira reportagem contando com três fotografias de homens nus sem qualquer tipo de censura. Todas as fotografias foram retiradas do livro “Homens”, da fotógrafa Vânia Toledo, publicado no mesmo ano. (LAMPIÃO DA ESQUINA, Nº 27, 1980)

Juntamente das fotografias o Lampião apresenta um texto onde faz um breve histórico da proibição dos nus, apontando com perspicácia a origem religiosa e “moral” dos tabus que cercam a nudez. Além de fazer, também, um manifesto a favor da desmistificação dos nus, afirmando que, mais do que a exaltação do erotismo, a permissividade dos nus, sem o aspecto libertador, nada mais é do que uma outra representação da opressão moral.

Já na edição de número 36, a penúltima edição do Lampião, temos duas páginas ilustradas por oito diferentes fotografias de homens nus, fotografias essas que já haviam sido publicadas pelo Lampião em números anteriores, mas, com exceção do retrato de Ney Matogrosso, publicada no número 27, sempre censuradas. (LAMPIÃO DA ESQUINA, Nº 36, 1981)

Esta reportagem também conta com um pequeno texto, dessa vez fazendo uma breve retrospectiva das fotografias presentes, comentando as censuras às quais o jornal se submeteu para que as fotos pudessem ser publicadas em suas edições originais.

Além disso, o texto começa expondo o fato de que a batalha pela publicação de nus no *Lampião* existiu desde o começo, e não fora exclusivamente com as forças externas de opressão. Na verdade, este pequeno texto nos mostra que até mesmo dentro do conselho editorial havia pessoas que acreditavam que a publicação de nus masculinos seria desrespeitoso. Ultimamente essa opinião foi vencida, em parte pelos pedidos do público para que o *Lampião* publicasse essas imagens.

A presença destas fotografias, bem como o tom comemorativo que o *Lampião* assume nos textos que as acompanham podem representar diversos aspectos. Primeiramente, a conquista do *Lampião* de finalmente conseguir reproduzir e vender as imagens pelas quais lutava desde seu início. Essa conquista em si já indica também uma abertura política, que apesar de pequena, agora permitia que essas imagens fossem, ao menos, reproduzidas.

Por último, o aspecto comercial dos textos que acompanham as fotografias aponta para a existência de um mercado específico. Ambas as reportagens, além de comemorar a liberação dos nus masculinos, buscam vender as fotografias.

É interessante pensarmos, também, que a nudez feminina era, de certa forma, muito mais aceita. Aparecendo pela primeira vez na edição de número 21 (seis edições anteriores a que inaugurou o nu masculino, o que equivale a seis meses), o nu frontal feminino aparece sem cerimônias, com alguns retratos de uma mulher nua em entrevista com a jornalista fictícia Rafaela Mambaba. (NETO, 2013)

Com isso vemos o *Lampião* reproduzindo um outro lado da crítica que faz em sua sétima edição ao publicar fotos de homens nas praias do Rio de Janeiro. Dizendo que as fotos de mulheres em trajes de banho nas praias cariocas eram tradição, e questionando os motivos de não existir o mesmo comportamento com fotos de homens.

Se, para os conservadores, o nu feminino é tradição e o masculino é um tabu, antimoral, para o *Lampião*, o nu feminino apenas aparece, enquanto o nu masculino é celebrado, em grande parte por ser uma novidade, mas também por representar uma conquista do conselho editorial.



Figura 8 - Fotografia de mulher nua, presente na edição número 21 do Lampião, fevereiro de 1980

A fotografia acima é apenas uma das diversas fotografias da modelo nua que foram publicadas pelo Lampião, em conjunto com a entrevista de Rafaela Mambaba, em fevereiro de 1980. Esta foi a primeira edição em que o Lampião publicou nus femininos, mas sem fazer alarde, ou comemorar de qualquer forma. Neste caso os nus simplesmente estão presentes.

A nudez masculina, na realidade, não era novidade no Lampião, esteve presente desde a edição de número 0, publicada em abril de 1978. Através de charges e de ilustrações, mais ou menos detalhadas, o Lampião, em toda a sua existência representou a nudez, e, por diversas vezes, o fez assumindo, sim, um teor erótico. Podemos citar as ilustrações de Darcy Penteado, bem como a reportagem “Eu criei a arte erótico-homossexual no Brasil”, publicada na edição experimental número 0, de abril de 1978. (LAMPIÃO DA ESQUINA, Nº 0, 1978)

Portanto, qual seria o problema da nudez masculina no formato fotográfico? Olhemos novamente para a edição número 8, na qual o Lampião denuncia a hipocrisia daqueles que usam da moral para censurar a nudez. Quando se trata de uma representação do que entendemos tradicionalmente como arte, a nudez e o erotismo são aceitos. Mas quando a nudez e o erotismo

passam a ser realizados por pessoas reais, por homens reais, e deixa de ser uma representação, já deixam de ser arte, e passam a ser um ato desrespeitoso, pornográfico, sem valor e amoral.(MEDEIROS, 2020)

Além disso, é preciso levarmos em conta também o caráter democrático da fotografia. Enquanto a ilustração, a escultura e outros meios artísticos demandam treino e habilidades específicas, a fotografia, no seu sentido mais básico, requer apenas uma câmera fotográfica e alguém que tire a foto.

A publicação das fotografias de Vânia Toledo, a republicação de fotos sem tarja, e, de forma mais clara e direta, os textos com teor comemorativo, nos mostram que o Lampião não perdeu sua elegância nem sua originalidade, e, muito menos, assumiu um tom pornográfico em uma pura exaltação do erotismo (o que, como o próprio conselho editorial diz, é sadia). O Lampião, em sua fase final, e mais especificamente em suas últimas edições, alcançou, em certa medida, seu objetivo inicial.

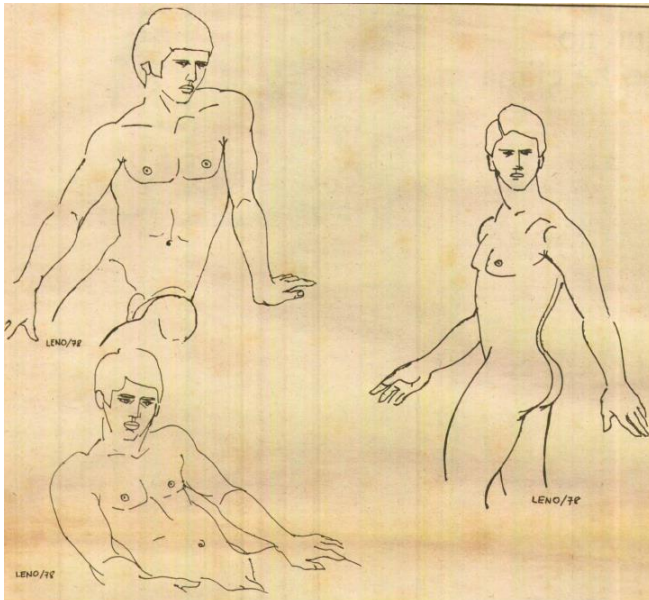


Figura 9 - Ilustrações de Leno, presentes na edição nº 2 do Lampião, 25 de junho a 25 de julho de 1978

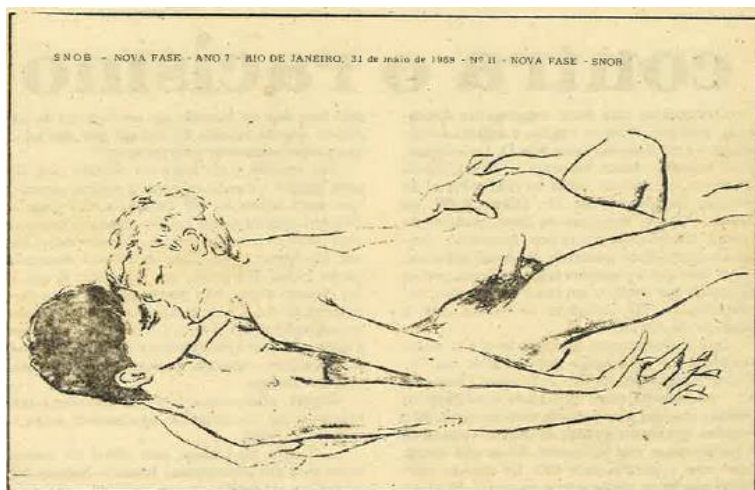


Figura 10 - Reprodução de ilustração publicada no *Snob* em 1969, presente na edição nº 28 do *Lampião*, setembro de 1980

Nas duas imagens acima vemos ilustrações de homens nus, cada uma publicada em uma edição do *Lampião*. A figura 9 nos mostra três ilustrações de um homem nu, publicadas na edição nº 2, de 1978, e assinadas por Leno, as ilustrações parecem fazer parte de um estudo anatômico, prática comum entre artistas. Mas a publicação das ilustrações no *Lampião* transforma o que seria um simples estudo de anatomia em um manifesto político, no qual os editores do *Lampião* já definem seu ponto de vista, sua estética e seus objetivos.

Já na figura 10, publicada na edição nº 28, de setembro de 1980, vemos uma ilustração originalmente publicada pelo *Snob* em 1969, retratando dois rapazes nus, um deitado em cima do outro, enquanto se beijam. Em reportagem nostálgica lembrando “os bons tempos da imprensa guei” o *Lampião*, agora na sua fase ativista, nos mostra que, assim como na sua história, o nu masculino e a homossexualidade estavam presentes e sendo comercializados no Brasil há anos, mesmo em meio à ditadura

Ambas ilustrações nos permitem perceber que a presença de nus masculinos no *Lampião* era realidade desde o seu início, e não passou a ser aceita apenas em sua terceira fase. Quando expandimos nossos horizontes para além do *Lampião*, levando em consideração publicações como o *Snob*, é notável que a nudez masculina era comerciável mesmo nas fases mais duras da ditadura.

A grande diferença, aparentemente, é a mídia na qual a nudez é expressada. A nudez e o erotismo parecem ser aceitos, ou ao menos tolerados, quando são reproduzidos em ilustrações, mas não em fotografias. No entanto, muitas das ilustrações que circularam durante o final da década de 1960 até meados da década de 1970 possuíam, discutivelmente, um teor erótico mais forte que as fotografias de Vânia Toledo, por exemplo. Como o próprio *Lampião*

aponta, um dos modelos, “(...) está ‘amarrado’ e constrangido, como um pecador abandonado com sua eterna culpa a um canto do inferno.” (LAMPPIÃO DA ESQUINA, Nº 27, 1980).

Considerações Finais

É importante levarmos em consideração, também, que o Lampião não era um jornal perfeito. Longe disso, o Lampião ainda continua sendo um produto de sua época, ele ainda é um jornal da década de 1970. É possível perceber as consequências desse marco temporal em grande parte das edições do Lampião, principalmente quando olhamos a linguagem que era utilizada.

Não é raro que os editores do Lampião se refiram às travestis usando pronomes e termos masculinos, como “rapaziada” utilizado na reportagem “Travestis! (Quem atira a primeira pedra?)”, publicada na edição nº 4, de abril de 1978.

Os debates acerca de pronomes são recentes, e na atualidade é conhecimento bastante presente, ao menos para pessoas que se identifiquem e que interajam com a comunidade LGBT, de que as travestis se identificam com uma expressão de gênero feminina, e que, portanto, utilizam pronomes femininos.

No entanto, essa crítica ao Lampião ainda é cabível, pois quando analisamos as entrevistas feitas com travestis percebemos que, mesmo durante as décadas de 1970 e 1980, algumas delas já referiam a si mesmas utilizando o feminino, ponto no qual os editores do Lampião falharam em suas edições. Os motivos para o uso do masculino ao tratar das travestis não são claros, mas a dúvida ainda permanece: Por que não utilizar o feminino, quando as próprias travestis o preferem?

Podemos perceber esta preferência de certas travestis quando observamos a edição de número 35 do Lampião, publicada em abril de 1981, em reportagem sobre cirurgias de redesignação sexual em travestis: “Neuza: Nunca, nem morta!”; “Shilly: Cortar minha caceta? Never! Não quero ficar maluca!” (LAMPPIÃO DA ESQUINA, Nº 35, 1981).

Os mesmos problemas podem ser vistos quando percebemos que o Lampião utiliza constantemente termos como “transexualismo” e “homossexualismo”, que hoje já não são mais aceitos devido ao fato de que o sufixo “ismo” pode conotar doença ou patologia.

Em 1990 a Organização Mundial da Saúde (OMS) aprova a retirada do Código 302.0 (referente ao homossexualismo) da Classificação Internacional de Doenças - anteriormente a homossexualidade era considerada um transtorno mental - e desde então o termo utilizado é “homossexualidade”. (CARNEIRO, 2015)

É interessante pensar que um periódico que surge com o objetivo de quebrar os estigmas que permeavam a homossexualidade, por diversas vezes acaba reproduzindo tais estigmas, mesmo que não intencionalmente.

Além disso, podemos também tecer críticas a respeito da configuração do conselho editorial do *Lampião*, e das formas como essa configuração afetou o conteúdo publicado por eles. O conselho editorial era composto exclusivamente de homens homossexuais, e isso resultava em textos que, além de passarem por uma lente homossexual, sempre passava por uma lente masculina.

Essa configuração pode explicar diversas situações, como a ausência de reportagens a respeito das mulheres homossexuais, e seu papel dentro do movimento gay, por um ano. Ou até mesmo a falta da abordagem de sexualidades que faziam parte da comunidade, como a bissexualidade, que mal é mencionada pelo jornal em toda a sua existência.

Portanto, é preciso entender que quando dizemos que o *Lampião* foi o primeiro jornal gay com teor político no Brasil, estamos nos referindo, em grande parte, a um jornal feito por, para e sobre homens homossexuais. O *Lampião* abordava diversos temas progressistas, e que continuam em pauta hoje, mais de 40 anos após seu lançamento, mas é necessário entendermos que nem sempre suas abordagens eram feitas das melhores maneiras.

Com isso concluimos que o *Lampião* contribuiu grandemente para o surgimento e desenvolvimento de um movimento social brasileiro que lutava pela liberdade e pelos direitos dos homossexuais. Os processos pelos quais o *Lampião* passou, especialmente, se fizeram extremamente necessários, como por exemplo, o objetivo inicial - de retirar o homossexual do gueto - e a primeira fase, que Heeren saudosamente chama de heróica, ajudou a disseminar uma mentalidade de pertencimento, na qual as pessoas que se identificavam com a homossexualidade passaram a se perceber no outro.

Já na segunda fase, quando o *Lampião* passa a ter um tom mais ativista, militante, de denúncia, ele não apenas cria um sentimento de comunidade, mas desperta um sentimento de revolta. Por meio de suas denúncias, o *Lampião* não buscava mais apenas sair do gueto, mas adentrar, de fato, na sociedade, questionando todos os valores e preconceitos perpetuados pela forte religiosidade, além de expor a violência estatal praticada diariamente contra membros da sua comunidade, em especial as travestis.

Em sua terceira fase o *Lampião* põe em ênfase um aspecto muito mais inovador, que sempre esteve presente em suas edições, mas que agora possuía uma predominância sobre as reportagens publicadas. Temas como a prostituição masculina e a masturbação foram abordados neste período, dando a esta fase uma reputação polêmica.

Mas é nesta fase, também, que vemos o Lamião retornar a suas origens diversas vezes, com as mesmas críticas sendo feitas. Além disso, é neste momento que vemos o Lamião finalmente vencer uma de suas primeiras batalhas, com a publicação dos nus frontais masculinos.

Lembremos também que o Lamião não foi o único responsável pelo movimento gay brasileiro. O papel que o Lamião cumpriu foi o de concentrar esse movimento em um ambiente, e disseminá-lo pelo país. Como vimos na reportagem sobre as mulheres de maio de 1979, no entanto, o Lamião trabalhava em conjunto com os grupos e coletivos que de fato se articulavam e que faziam o movimento acontecer.

Assim podemos entender o Lamião não como o movimento gay brasileiro em si, mas como uma parte dele, e uma parte que representa e informa as estratégias utilizadas pelo movimento, bem como o tom e o sentimento do movimento em suas diferentes fases.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Bruno R. S. N. “Homossexualidade, Religião e Estado: Notas iniciais”. Periódico Alethes, v.8, n. 14, Juiz de Fora, 2017;
- BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010;
- CARNEIRO, Ailton José dos Santos. “A morte da clínica: movimento homossexual e luta pela despatologização da homossexualidade no Brasil (1978 – 1990). XXVIII Simpósio Nacional de História, ANPUH. Florianópolis, 2015;
- FUJIKAWA, Mariana; GOUVEIA, Aguinaldo H. Garcia de; ROSA, Lauriane dos Santos; SACHT, Lucas Engel. “‘Mais tesão, menos encucação’: O Lampião da Esquina e a homossexualidade no final da ditadura”. Revista Cadernos de Clio, v.8, n.1. Curitiba, 2018;
- GREEN, James. “Festas íntimas e jornais caseiros”. In: GREEN, James. *Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999;
- GREEN, James. “O grupo Somos, a esquerda e a resistência à ditadura”. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan. *Ditadura e homossexualidade - repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EDUFSC, 2015;
- GREEN, James; POLITO, Ronald. “Novas identidades e velhas posições”. In: GREEN, James; POLITO, Ronald. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870 - 1980)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006;
- HEEREN, José A. de C. O armário invertido: comunicação e discurso sob a luz de Lampião. Tese (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 2011;
- KOVALESKI, Douglas; MORETTI-PIRES, Rodrigo; TESSER JÚNIOR, Zeno. “Homofobia e os socialistas brasileiros em ‘O Lampião da Esquina’ (1978-1981)”. Revista Estudos Feministas, v. 26, n. 3, Florianópolis, 2018;
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da Imprensa Alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991;
- MCRAE, Edward. “Identidades homossexuais e movimentos sociais urbanos no Brasil da ‘Abertura’”. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio;

FERNANDES, Marisa. *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018;

- MEDEIROS, Afonso. “Artes, Poronoerotismos e Identidades LGBTQIA+ em trânsitos estéticos”. Revista Apotheke, v. 6, n. 3. Santa Catarina, 2020;
- MENDES, André Melo; BARCELOS, Janaina. “Imagens da Pietà: reflexões sobre o atravessamento de discursos e identidade em fotografias contemporâneas”. Revista Comunicação Pública (Online), v. 9, n. 16, 2014;
- NETO, Miguel Rodrigues de Sousa. “Movimento gay e imprensa no Brasil contemporâneo: O Lâmpião da Esquina (1978 – 1981)”. XXVII Simpósio Nacional de História, ANPUH. Natal, 2013;
- O Lâmpião da Esquina. “Snob”, “Le Femme”... *os bons tempos da imprensa guei*, n. 28, 1980;
- O Lâmpião da Esquina. *A batalha do corpo, ou cenas de nu explícito*, n. 36, 1981;
- O Lâmpião da Esquina. *A Igreja e o homossexualismo (20 anos de repressão)*, n. 26, 1980;
- O Lâmpião da Esquina. *Buenos Aires: dois policiais por quarteirão*, n. 7, 1978;
- O Lâmpião da Esquina. *Chile: denúncias da matança*, n. 7, 1978;
- O Lâmpião da Esquina. *Do outro lado da porta*, n. 2, 1978;
- O Lâmpião da Esquina. *Enfim: o nu frontal!*, n. 27, 1980;
- O Lâmpião da Esquina. *Então, por que tanta repressão?*, n. 12, 1979;
- O Lâmpião da Esquina. *Eu criei a arte erótico-homossexual no Brasil*, n. 0, 1978;
- O Lâmpião da Esquina. *Incrível, fantástico, extraordinário: Rafaela Mambaba “alive and well”!*, n. 21, 1980;
- O Lâmpião da Esquina. *Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP: Felicidade também deve ser ampla e irrestrita*, n. 10, 1979;
- O Lâmpião da Esquina. *O governo diz que não. Mas vem aí a prisão cautelar*, n. 21, 1980;
- O Lâmpião da Esquina. *Pega pra capar!*, n. 26, 1980;
- O Lâmpião da Esquina. *Que história é essa de vestir os nus?*, n. 8, 1979;
- O Lâmpião da Esquina. *Quem resistirá a esse verão?*, n. 7, 1978;
- O Lâmpião da Esquina. *Richetti volta às ruas*, n. 31, 1980;
- O Lâmpião da Esquina. *Saindo do Gueto*, n. 0, 1978;

- O Lampião da Esquina. *Travestis! (Quem atira a primeira pedra?)*, n. 4, 1978;
- OCANHA, Rafael. “Repressão policial aos LGBTs em São Paulo na ditadura civil-militar e a resistência dos movimentos articulados”. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018;
- PANOFSKY, Erwin. “Iconografia e iconologia: uma introdução ao estudo da arte da renascença”. In: PANOFSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2017
- QUINALHA, Renan Honório. *Conta a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964 – 1988)*. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017;
- QUINALHA, Renan. “Uma ditadura hetero-militar: notas sobre a política sexual do regime autoritário brasileiro”. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018;
- RECHENA, Aida; TEIXEIRA, Ana Lúcia; FURTADO, Teresa Veiga; LISBOA, Manuel. Nota de Abertura, Revista Faces de Eva, número extra. Lisboa, 2019;
- Sturgis, A. Clayson, H. *Entender la pintura: análisis y explicación de los temas de las obras*. Barcelona: Blume, 2002;
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2002;